

## PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA AUTONOMIA DO PROFESSOR DE QUÍMICA – UMA NOVA PERSPECTIVA DE ANÁLISE PSICOLÓGICA<sup>1</sup>

**Ricardo Gauche (PQ)<sup>1</sup>**

**Elizabeth Tunes (PQ)<sup>2</sup>**

1 – Instituto de Química [gauche@unb.br]

2 – Faculdade de Educação

Universidade de Brasília

Brasília-DF, Brasil

### Resumo

A constituição do sujeito professor no contexto da dinâmica educacional é aqui retomada, embora com configuração distinta e em contexto diferenciado em relação à literatura tradicional. A metodologia escolhida, análise do relato verbal, privilegia o estudo do fenômeno em seu caráter processual. Um professor de Química foi acompanhado, tendo sido gravadas entrevistas e respectivas transcrições. A partir da concepção adotada em relação ao que seria entendido por AUTONOMIA DO PROFESSOR, eixo básico da análise, foi elaborada a chamada **matriz de verbalizações**, cujo conjunto viria a constituir cadernos de verbalizações a serem analisados. Utilizou-se a narrativa da história de vida como meio para compreensão da subjetividade do professor.

Palavras-chave: Autonomia; Relato Verbal; Professor.

### Introdução

A constituição do sujeito professor no contexto da dinâmica educacional é aqui retomada, embora com configuração distinta e em contexto diferenciado em relação à literatura tradicional, situando-se a Psicologia Cultural (Bruner, 1997) como o instrumento por excelência de compreensão dos aspectos enfocados, especialmente por vislumbrar a cultura e o desenvolvimento da subjetividade, ou seja, por ser uma abordagem sociocultural, que toma a perspectiva de que “a cultura e a procura do significado dentro da cultura são as próprias causas da ação humana”.

A metodologia escolhida, análise do relato verbal (Tunes & Simão, 1998), privilegia o estudo do fenômeno em seu caráter processual. Busca-se compreender o sujeito professor, partindo dos significados por ele atribuídos, por meio da análise de seus relatos verbais, reveladores dos mesmos. Isso coaduna-se com a proposta de Bruner (1997), na medida que focaliza “os *significados* em cujos termos o si-mesmo é definido *tanto* pelo indivíduo *como* pela cultura na qual ele participa” (p. 101), no contexto de sua prática docente.

A análise das possibilidades de superação estrutural das limitações impostas à escola passa, necessariamente, pela autonomia da mesma, que exige autonomia de seus participantes, mormente de seus professores, protagonistas do processo ensino-aprendizagem em sala de aula, espaço de interações e de negociação de significados individuais e coletivos. Essa negociação perpassa a objetivação das diferentes interpretações subjetivas, historicamente situadas em contextos culturalmente definidos.

O presente trabalho refere-se a parte de uma tese de doutorado (Gauche, 2001).

### Resultados e Discussão

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 25.<sup>a</sup> Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química – SBQ – Brasil, 20 a 23 de maio de 2002.

O professor escolhido para a pesquisa – o qual passaremos a denominar, por questões éticas, PROFESSOR J.B. – o foi por duas razões. A primeira por ser reconhecido por colegas e no meio acadêmico, em duas IES, como um professor inovador, com trabalhos publicados e apresentados em congressos, reconhecimento marcado pelo suposto exercício da liberdade de decidir e de agir, no contexto escolar, tendo como foco desse exercício seus alunos. A segunda, em função da origem de nossa pesquisa, vinculada ao contexto do Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília (PAS/UnB), por não ter participado, na condição de membro de subcomitê e/ou comitê, na definição dos conteúdos programáticos do PAS/UnB, senão como professor atuante em uma das escolas cadastradas no Programa, visando à tentativa de se evitar um eventual viés resultante de parcialidade institucional.

Embora tendo uma problemática prévia, em linhas gerais, preocupamo-nos em não impô-la à estratégia de investigação. Evitamos categorizações antecipadas à observação e inadequadas à especificidade do objeto, eventualmente agrupando, rotulando ou interpretando de maneira “forçada” diversos elementos de observação e não acrescentando nada ao já conhecido. Buscamos nos afastar dos riscos de unilateralidade ou de preconceitos incluídos na problemática. Para isso, dedicamos “atenção flutuante” e “impregnação” do relatado pelo professor entrevistado, tentando minimizar o efeito de rotulagem, em sentido preconceituoso, das concepções explicitadas pelo professor (Thiollent, 1987). A própria metodologia escolhida, análise do relato verbal, nos assegura não correremos esses riscos, já que privilegia exatamente o estudo do fenômeno em seu caráter processual, no momento mesmo de sua emergência e desenvolvimento, ambos intencionalmente provocados pela ação do pesquisador, implicando a admissão de sua constante mutabilidade e transitoriedade. A precisão e a confiabilidade das inferências almejadas podem ser avaliadas no curso do próprio procedimento, importando, nessa avaliação, a lógica das relações que vamos estabelecendo entre os indícios (tudo o que é referido nos relatos), no ato mesmo de atribuir significados ao que foi relatado. A situação singular de interação pesquisador-participante, nessa abordagem, implica, em nosso entendimento, a redefinição de categorias e de interpretações inferenciais, justamente por dar voz ao sujeito, permitindo-lhe ressignificar seus próprios relatos, ampliando possibilidades de surgimento de novos ângulos de análise e de compreensão.

A princípio, elaboramos um roteiro orientador para as primeiras entrevistas, em uma versão preliminar. Embora partindo desse roteiro, nossa intenção foi sempre a de realizar entrevistas que não cerceassem a possibilidade de o entrevistado também direcionar o foco das atenções, evitando-se a perda de opiniões que não encontrariam espaço de expressão em entrevistas dirigidas, rigidamente estruturadas.

Cada entrevista foi gravada em áudio e devidamente transcrita, sendo sempre analisada na tentativa de encontrar representações, atribuições de valor afetivo, regras sociais, códigos simbólicos interiorizados pelo professor no decorrer de sua socialização e sua relação, eventualmente conflitiva, com as diversas dimensões da experiência profissional partilhada com muitos outros (Thiollent, 1987).

De posse das transcrições, passamos a leituras sucessivas dos relatos verbais, visando à “impregnação” e à consolidação da própria construção metodológica do trabalho.

A partir da concepção adotada em relação ao que seria entendido por AUTONOMIA DO PROFESSOR, eixo básico da análise, foi elaborada a chamada **matriz de verbalizações**, cujo conjunto viria a constituir cadernos de verbalizações a serem analisados. A primeira versão refletiu um fluxograma preliminar resultante daquela definição, no qual três dimensões foram definidas – Dimensão 1: FOCO DA AÇÃO DO PROFESSOR; Dimensão 2: MODO DA AÇÃO DO PROFESSOR; Dimensão 3: FIM DA AÇÃO DO PROFESSOR. Cada dimensão apresenta duas classes, 1 e 2, tendo em vista ser o foco principal ou secundário. Das leituras sucessivas emergiram ajustes e aprimoramentos da matriz, que, no decorrer de sua utilização,

apresentou evoluções, com inclusão de subclasses dentro das três dimensões inicialmente definidas, subclasses que não haviam sido definidas *a priori*. Dessa forma, o relato verbal: configurou-se como parte orgânica e integrante da pesquisa; foi, ele próprio, propulsor das etapas seguintes do planejamento da pesquisa; permitiu o estudo do fenômeno em seu caráter processual, no momento mesmo de sua emergência e desenvolvimento, ambos intencionalmente provocados por nossa própria ação, sendo o processo, por isso, gradual. A precisão e a confiabilidade das inferências puderam ser avaliadas no curso do próprio procedimento, importando, nessa avaliação, a lógica das relações que foram sendo estabelecidas entre os indícios (tudo o que era referido nos relatos), no ato mesmo de atribuir significados ao que foi relatado. Paralelamente ao trabalho com as matrizes de verbalizações, e aproveitando-as no que fosse relacionado, foi montado um texto representativo de parte da história pessoal de vida do professor de Química acompanhado, visando à complementação do processo analítico, considerando que a narrativa da história de vida é uma das vias mais importantes para resgatar a subjetividade como dimensão essencial da investigação social. Os resultados obtidos levaram a contribuições importantes, do ponto de vista teórico e metodológico, especialmente se se considerarem as lacunas e os reducionismos presentes na literatura tradicional.

## Conclusões

O desenvolvimento de autonomia, pelo que foi inferido da trajetória e dos relatos do professor acompanhado, dá-se como em uma função de múltiplas variáveis, matematicamente falando. O professor situa-se multidimensionalmente em sua (auto)construção como sujeito autônomo, podendo-se utilizar o foco, o modo e o fim de sua ação como variáveis nessa localização de trajetória. Relacionando-se autonomia com o papel de educador, contrapondo-se ao do professor não-educador, enquanto este acaba por *representar um papel*, o professor-educador *constitui e exerce o seu papel*.

A autonomia que pudemos analisar com os significados atribuídos pelo PROFESSOR J.B. é constituída no outro. Este outro é o aluno, primordialmente, embora inclua os colegas docentes. Ressalta-se, portanto, o aluno como foco de ação, na constituição da autonomia, que se configura como oportunidade de conhecimento desse ser especial, com o qual precisa haver “intimidade”. Essa “intimidade” relaciona-se à proximidade afetiva fraterna, mas, talvez, sobretudo, à cumplicidade no processo ensino-aprendizagem, cujo fim precípuo é o do crescimento pessoal e coletivo, por meio do domínio de conhecimento, sempre visando, em última instância, ao desenvolvimento da autonomia coletiva. Surge, então, um aparente paradoxo. Só aparente! Na verdade, falar em autonomia do indivíduo só tem sentido se esta estiver organicamente situada na autonomia do coletivo dos indivíduos. Não há como conceber autonomia de um indivíduo isolado. O individualismo relaciona-se ao egoísmo da não-autonomia. O altruísmo da autonomia relaciona-se ao conhecimento do outro, foco de ação e de preocupação na constituição do planejamento, do projeto pedagógico.

Ressaltamos, de início, a metodologia desenvolvida em nosso trabalho, a qual, por si só, já representa uma nova perspectiva de interpretação para o processo analisado. A relevância é ratificada quando analisamos o potencial de conhecimento do sujeito cuja constituição pretendemos compreender, pela rapidez com que é possível fazê-lo, especialmente no caso do psicólogo que precisa de um instrumento analítico que acelere o processo. Essa característica da contribuição metodológica desenvolvida no âmbito da presente pesquisa por si só já a situa em grau destacado de originalidade. Com relação à Psicologia do Professor, sujeito concreto, real de nosso trabalho, acreditamos ter contribuído igualmente de forma original, já que, conforme destacamos no corpo da referida tese (Gauche, 2001), a especificidade de sua

profissão exige igualmente especificidade no processo de análise psicológica. A autonomia – citada na literatura em abordagens sociológicas, antropológicas, filosóficas e educacionais – não tem sido analisada quanto à sua própria natureza, no processo de sua constituição, razão pela qual destaca-se a presente contribuição, oferecendo perspectivas inexistentes até o momento.

### **Referências Bibliográficas**

BRUNER, J. **Atos de Significação**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1997.

GAUCHE, R. *Contribuição para uma análise psicológica do processo de constituição da autonomia do professor*. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, UnB, Brasília, 2001.

THIOLLENT, M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. 5ª ed. São Paulo : Polis, 1987.

TUNES, E. & SIMÃO, L. M. Sobre análise do relato verbal. *Psicol. USP* v.9 n.1 São Paulo 1998.